

## Listas poéticas no romance *Sementes do sol* de Ademar Ayres do Amaral.

Tedson Rennyson NASCIMENTO<sup>1</sup>  
Alessandra CONDE<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho investiga a presença das listas em *Sementes do sol*, de Ademar Ayres do Amaral. No romance, cujo pano de fundo é a imigração japonesa para a Amazônia, receitas culinárias surgem encaixadas nas narrativas que as referenciam. A listagem dessas receitas, objetos, livros, fichas documentais etc. evidenciariam algo mais que uma lista prática, desaguaria no poético. Qual a razão das enumerações de objetos, informações documentais, citações literárias, receitas culinárias em *Sementes do sol*? Que efeito de sentido podem mostrar? Este trabalho, para responder a essas questões, se ampara nos estudos de Alfredo Bosi (1996) Antoine Compagnon (1996), Arnaldo Franco Junior (2009), Fusako Tsunoda (1988), Maria Esther Maciel (2022), Samuel Benchimol (2009), Tiphaine Samoyault (2008), Umberto Eco (1985) e (2010), entre outros. Os resultados da pesquisa revelam que o romance agrega elementos históricos, auxiliando nos estudos sobre a Amazônia e sua formação, visto que resgata a memória e cultura da região.

**Palavras-chave:** Listas poéticas; Amazônia; Ademar Ayres do Amaral; *Sementes do sol*.

### Introdução

*Sementes do sol*, romance de Ademar Ayres do Amaral, publicado em 2012, tem como pano de fundo a imigração japonesa para a Amazônia Ocidental. A narrativa retrata a vida difícil dos habitantes que moram nas várzeas amazônicas, expondo costumes, dificuldades e resiliência dos ribeirinhos.

A história principal tem como protagonista a personagem Tição, homem pobre, descendente de quilombolas. Além de Tição, há outras personagens apresentadas ao longo da narrativa, sendo alguns, além dos japoneses, pertencentes a outras etnias, como o judeu Absalão, o libanês chamado de “Turco”, os italianos e os portugueses.

Em *Sementes do sol*, também se discorre sobre o cenário do ciclo da juta<sup>3</sup> na Amazônia. No início do romance, Ayres do Amaral esclarece que, desde muito tempo, teve o desejo de escrever uma narrativa em que o ciclo da juta fosse o foco. Para elaborar o texto, o autor declara que realizou estudos sobre o plantio da juta e a imigração japonesa na Amazônia, mesclando assim “a ficção com uma boa dose de realidade” (Amaral, 2012, p. 04).

<sup>1</sup> Graduado em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará. E-mail: [oliveirarenyson46@gmail.com](mailto:oliveirarenyson46@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás e professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Pará. E-mail: [afcondesilva@gmail.com](mailto:afcondesilva@gmail.com).

<sup>3</sup> Juta (*corchorus capsulares*) é uma fibra têxtil originária da Índia, que serve para produção de sacarias, cestos, telas e fios (Homma, 2016).

Nessa narrativa surgem encaixadas receitas culinárias que são referenciadas. Além disso, o narrador apresenta, no desenrolar da história, listas de animais, livros, informações documentais, fragmentos de outros textos que são operadores de práticas intertextuais. Este artigo estuda essas ocorrências no romance, considerando a saga da imigração japonesa para a Amazônia, expondo a relevância e contribuição dos nipônicos na região.

Este trabalho, tendo como principal método de estudo a pesquisa bibliográfica, apresenta como referencial teórico os estudos de Antoine Compagnon (1996), Franco Junior (2009), Fusako Tsunoda (1988), Maria Esther Maciel (2022), Márcio Souza (2019), Samuel Benchimol (2008; 2009; 2013), Tiphaine Samoyault (2008), Umberto Eco (1985; 2010) e outros.

Para o estudo da presença japonesa na Amazônia, foram utilizados alguns autores que trabalham com essa temática, como Alfredo Homma (2009; 2016), Fusako Tsunoda (1988), Márcio Souza (2015), Samuel Benchimol (2008; 2009; 2013).

Para compreender os efeitos de sentido que as listas intertextuais, de animais, receitas culinárias podem gerar na narrativa, a pesquisa valeu-se das considerações de Antoine Compagnon (1996), Maria Esther Maciel (2022), Tiphaine Samoyault (2008) e Umberto Eco (1985; 2010).

E para a análise dos elementos estruturais da narrativa, visando à compreensão da história e o lugar das listas no enredo, utilizou-se os apontamentos de Franco Junior (2009) e Leite (1985), que tratam sobre os elementos da narrativa.

Nesse sentido, as seções posteriores do trabalho buscam esboçar (i) como ocorreu a imigração japonesa na Amazônia, bem como seus impasses e contribuições, (ii) apresentar como as listas de animais, receitas culinárias e as práticas intertextuais cooperam na/para o romance e qual(is) seu(s) possível(is) efeito (s) de sentidos, e (iii) e expor as considerações obtidas ao final da pesquisa.

### **Os *koutakusseis* na Amazônia**

O romance de Ayres do Amaral, ao discorrer sobre a temática da juta na Amazônia, expressa nitidamente a ligação com a imigração japonesa. Desse modo, por meio de uma narrativa dividida em 39 capítulos (40 com o epílogo), o narrador onisciente, isso é, que não participa da narrativa, mas conhece todos os fatos ocorridos (Franco Junior, 2009), desenrola

o romance contando a história da aclimação da juta e da vinda dos nipônicos à Amazônia, assunto que ganha ênfase nos capítulos 7, 8, 9, 28.

Os chamados *koutakusseis* foram encarregados do plantio da juta na Amazônia. Essa nomenclatura foi dada aos jovens japoneses que estudaram na escola Nippon Koto Takushoku Gakko, na cidade de Kawasaki, no Japão, cujo objetivo era o de ensinar aos jovens sobre a região onde iriam morar, auxiliando-os no processo de adaptação ao novo local de trabalho e aos costumes no novo país.

É importante ressaltar que pouco se escreve sobre a imigração dos *koutakusseis*, principalmente em obras literárias, como destaca Alfredo Homma (2016, p. 10) na segunda edição do livro *Imigração Japonesa na Amazônia*.

Na apresentação do livro, Ayres do Amaral (2012, p. 3-5) relata que não poderia desenvolver uma narrativa voltada ao tópico da juta na Amazônia sem dar os devidos créditos aos *koutakusseis*, visto que foram os autores da aclimação da fibra indiana, essa sendo a responsável pelo reerguimento da economia, cultura e sociedade amazônica. Para isso, o autor destaca que foi necessário muito estudo, leitura e conversas com indivíduos que vivenciaram ou tinham conhecimento sobre a vinda dos *koutakusseis* e sua contribuição à Amazônia.

Em seus agradecimentos o escritor descreve alguns dos documentos e diálogos que foram importantes para a construção do enredo: *70 anos da imigração japonesa na Amazônia* (Associação pan-amazônia nipo-brasileira, 2007), *Koutakusei e a juta na Amazônia* (Uyetsuka, 2011), conversa com Saburo Ono, Silvia Tsuji e Leonor Tsuji, filha e viúva de Korato Tsuji, homem importante na odisseia nipônica, pois foi ele o encarregado pelo amigo e deputado Tsukasa Yetsuka (fundador do projeto da imigração japonesa na Amazônia) a administrar a imigração japonesa na região.

Roberto Carvalho de Faro (2012, p. 9), no prefácio de *Sementes do Sol*, atesta:

Este belo livro de Ademar Aires do Amaral, ainda que em roupagem de ficção, aborda esses malogros, notadamente no capítulo da juta. Ao mesmo tempo em que é um bem urdido romance, é também um documentário histórico da saga dos imigrantes japoneses que, enfrentando adversidades de toda ordem, lograram um ciclo, ainda que efêmero, de prosperidade com a aclimação da juta originária do Oriente.

Assim como o narrador de *Sementes do sol* esclarece, a imigração dos japoneses para a Amazônia ocorreu após o período do declínio econômico causado pela crise da borracha. Henry Alexandre Wickham, em 1876, transportou sementes de seringueira para o Sudeste asiático, tornando aquela região, alguns anos depois da biopirataria, o centro de exportação do

produto. Logo, a região amazônica deixou de ser o centro de comércio e produção de borracha e entrou em colapso. Por essa razão, foi necessário buscar alternativas para o reerguimento da economia amazônica. O óleo essencial de pau-rosa e da castanha-do-Pará foram alguns dos produtos que a população da localidade tentou substituir pela matéria da seringueira. No entanto, nenhuma dessas tentativas foram capazes de recuperar a primazia da borracha (Homma, 2009, p. 118).

Após muitas tentativas falhas, a imigração japonesa para a Amazônia surgiu como solução à crise da borracha, tendo início através do tratado de *Amizade, Comércio e de Navegação entre o Brasil e Japão*, assinado em 5 de novembro de 1895, em Paris, pelos ministros plenipotenciários Arasuke Soya, do Japão, e Gabriel de Toledo Piza e Almeida, do Brasil.

O interesse de trazer o grupo étnico japonês para a Amazônia foi o de criar alternativas econômicas para a região que estava estagnada e em queda. Os *koutatusseis* poderiam colaborar com a recuperação das áreas degradadas, ajudando a preservar a fauna, controlar a poluição dos rios, aproveitar recursos da biodiversidade, implantar novas tecnologias, como ferramentas de madeira (Homma, 2016, p. 7) e, principalmente, introduzindo recursos que contivessem a crise da região.

Por sua vez, o objetivo principal do Japão com a imigração era a expansão capitalista, procurando também por uma vida melhor, pois a Amazônia e o seu imaginário – o que se concebia sobre a terra – poderiam proporcionar isso. Como já foi citado anteriormente, o produto responsável pela ascensão amazônica foi a juta (*Corchorus capsularis*).

Segundo alguns estudiosos, como Tsutsumi (2007<sup>a</sup>, apud Homma, 2016), a imigração nipônica se deu desde o final do século XIX. Grupos de japoneses, que estavam no Peru, imigraram, em navios destinados aos portos de Belém e Manaus, para a região amazônica, atraídos pela opulência da riqueza da borracha.

Outro foco que pode ter incentivado a entrada de japoneses para Amazonas e Pará, estava relacionado à vinda de artistas circenses e lutadores de judô (Homma, 2016, p.22-23). Porém, para se comprovar tal presença, seria necessária uma pesquisa profunda nos jornais dos locais citados, pesquisas documentais e outros textos.

Sendo assim, o ano oficial da imigração Japonesa para o Brasil é 1908, em São Paulo, e, na Amazônia, em 1929 (Pará) e 1931 (Amazonas); 1929 sendo o ano responsável pelo início da imigração (24 de julho de 1929) e também a chegada (22 de setembro de 1929) dos japoneses na região Amazônica, em Parintins.

A primeira turma de *koutakusseis* saiu do Japão no dia 24 de julho de 1929 e chegou na região amazônica em 22 de setembro do mesmo ano. Após o primeiro grupo de japoneses, vieram mais seis turmas, totalizando sete. Ao chegarem na região amazônica, ao contrário do que se poderia imaginar, a saga dos nipônicos não foi nada fácil, como expõe o narrador de *Sementes do sol*:

A vida nas várzeas da Amazônia era em casebres rústicos, as dificuldades de adaptação enormes, sem contar as nuvens de mosquitos, casos fatais de malária e outras doenças, ainda que na Vila Amazônia houvesse um hospital modelo com médicos competentes que vinham do Japão. (Amaral, 2012, p. 59).

Um impasse maior foi enfrentado pelo projeto de Tsukasa Uyetsuka e os japoneses: os *koutakusseis* não conseguiam aclimatar a fibra indiana na região. Devido ao insucesso na aclimação da fibra, muitos nipônicos desanimaram, desistiram e migraram para outras regiões do Brasil, buscando outras alternativas de produção.

Dos poucos que continuaram, por acreditarem no futuro da juta, Ryota Oyama é o nome que se destaca. Ryota, além de político, era amigo de Uyetsuka. A convite do amigo, Ryota se mudou com a família para a Amazônia, com o dever de ajudar na aclimação da juta, devido à sua dedicação a atividades agrícolas.

Por intermédio de seus conhecimentos, novas sementes e uma pequena melhora na introdução do plantio, com o tempo, ocorreu o triunfo da fibra na Amazônia. A persistência de Ryota deu frutos à cultura da juta e ao sucesso dessa fibra na localidade. Após sete anos de maus resultados, em 1937, tem-se uma produção de qualidade, sendo vendida a primeira safra da fibra à Belém, para a produção de sacarias.

Entretanto, o sofrimento dos japoneses não cessou, pois com o início da Segunda Guerra Mundial e com o ataque do Japão à base naval de Pearl Harbour, os Estados Unidos entraram na guerra, forçando o governo brasileiro a se aliar aos americanos e a opor-se ao Japão. Com isso, os nipônicos da Vila Amazônia, localizada no município de Parintins, no Amazonas, também foram vistos como inimigos, mesmo estando no Brasil.

A força militar prendeu vários japoneses e os levou para uma espécie de campo de concentração, localizado em Tomé-Açu, no Pará (Homma, 2016, p. 65). Alguns *koutakusseis* ainda conseguiram fugir antes da chegada dos militares e os poucos que ficaram na Vila Amazônia, por intermédio de Kotaro Tsuji, continuaram a produção da juta, sendo vigiados por autoridades policiais (Amaral, 2012, p. 73).

Conforme vimos, a imigração japonesa foi crucial para a Amazônia e para o Brasil, pois gerou uma alternativa na produção agrícola exportadora, reerguendo o país da crise na qual estava inserido. Assim, “o saldo mais importante da imigração japonesa na Amazônia foi a introdução de duas culturas exóticas: a pimenta-do-reino e a juta que foram rapidamente democratizadas pelos produtores brasileiros” (Silva; Homma, 2015, p. 295).

Para Samuel Benchimol (2009, p. 470), é importante ressaltar que, além da cultura da juta, os imigrantes japoneses e seus descendentes contribuíram (e ainda contribuem) de outros modos, “tanto no campo agrícola como na indústria, comércio e serviços. Essa presença se estende, por igual, a outros setores da sociedade regional, na área das profissões liberais, da ciência, ensino e pesquisa, na administração pública e na política”. Nesse sentido, o romance, ao

fazer a memória do setor empresarial japonês e nipo-descendentes na Amazônia constitui um ato de justiça e muito mais do que isso: o reconhecimento de sua importância histórica na formação social e cultural da sociedade amazônica. (Benchimol, 2009, p.474)

### **A lista intertextual em *Sementes do Sol***

Em *Sementes do sol*, o narrador vale-se de citações literárias, informações documentais e científicas, listas de receitas, livros e/ou enumerações de objetos no decorrer da narrativa. Qual motivo levou o narrador a inserir tais informações no romance? Qual sua intenção ao adotar esse estilo? Qual a importância dessas práticas intertextuais no romance? A presente seção procura responder a essas questões.

Umberto Eco (1985), em *Pós-escrito a O nome da Rosa*, discorrendo a propósito do seu romance *O Nome da Rosa* (1980) fala sobre o trabalho de seleção do escritor no processo da produção do texto:

Quem escreve (quem pinta, esculpe, compõe música) sempre sabe o que está fazendo e quanto isso lhe custa. Sabe que deve resolver um problema. Pode acontecer que os dados iniciais sejam obscuros, pulsionais, obsessivos, não mais que uma vontade ou uma lembrança. Mas depois o problema resolve-se na escrivaninha, interrogando a matéria sobre a qual se trabalha - matéria que possui suas próprias leis naturais, mas que ao mesmo tempo traz consigo a lembrança da cultura de que está embebida (o eco da intertextualidade). (Eco, 1985, p. 07)

Em se tratando de Ayres do Amaral, na justificativa para a elaboração de seu livro, ele expõe que não sabia de certo quando começou a aguçar em sua mente a ideia de criar uma narrativa na qual o ciclo da juta fosse o pano de fundo, porém se recorda da contribuição de um episódio ocorrido na sua infância, auxiliando na construção do romance. Ao escolher um

cenário em que o ciclo da juta na Amazônia seria o pano de fundo, Ayres do Amaral necessitou fazer estudos sobre a história do fenômeno, pois, para se escrever sobre um arcabouço histórico, é crucial conhecer a sua memória, e, para isso, utilizou materiais como fichas, livros, documentos e conversas com pessoas que tinham conhecimento sobre a temática, assim como fez Umberto Eco para construir uma narrativa em que a historicidade fazia parte no romance. O autor italiano declara:

O primeiro ano de trabalho do meu romance foi dedicado à construção do mundo. Longas listas de todos os livros que podiam ser encontrados em uma biblioteca medieval. Elencos de nomes e fichas anagráficas para inúmeros personagens, muitos dos quais foram depois excluídos da história. (Eco, 1985, p.11)

Conforme esse autor, ia descobrindo sobre a matéria que estava trabalhando, seu romance ia transformando-se, sofrendo alterações, exclusões e acréscimos, como ele expõe:

Do meu mundo fazia parte também a História, razão pela qual li e reli tantas crônicas medievais, e lendo-as dei-me conta de que deveriam entrar no romance outras coisas que, inicialmente, nem sequer me tinham aflorado à imaginação, como as lutas pela pobreza ou a inquisição contra os fraticelos. (Eco, 1985, p. 12).

Assim como Eco (1985), Ayres do Amaral necessitou de muitas pesquisas, visto que iria narrar fatos históricos. A ideia inicial do autor de *Sementes do sol* era apenas escrever sobre a vida difícil dos ribeirinhos e a batalha pelo cultivo da juta, entretanto, a partir dos estudos sobre a fibra de origem indiana na Amazônia, o autor percebeu que deveria inserir ao romance a saga dos japoneses na Amazônia, visto que os nipônicos tiveram um papel crucial neste ciclo, como foi mencionado no tópico anterior.

Assim, após ter conhecimento sobre a importância dos *koutakusseis* na Amazônia, Ayres do Amaral entendeu que sua narrativa ficaria “canhestra” (Amaral, 2012, p. 4) se não explorasse a imigração japonesa, isso com o objetivo de contar fielmente a história do ciclo da juta. E assim o fez, sem perder a espinha dorsal da narrativa: a vida dos ribeirinhos na região amazônica.

Ao elaborar um romance em que o real e o ficcional se mesclam, cultura, memórias, personagens, etc., existentes também são encaixados na narrativa, por meio do “eco da intertextualidade”, como disse Eco (1985, p. 4).

Michel Schneider (1985, apud Samoyault, 2008, p. 41), ao estudar sobre o princípio da intertextualidade, define que um texto é feito de

fragmentos originais, reuniões singulares, referências, acidentes, reminiscências, empréstimos voluntários. De quê é feita uma pessoa? Pedacos de identificação, imagens incorporadas, traços de caracteres assimilados, o todo (se se pode dizer) formando uma ficção chamado eu.

Para que se tenha compreensão do princípio da intertextualidade, Schneider (1985, apud Samoyault, 2008) utiliza como exemplo o ser humano e a construção da personalidade por meio do(s) outro(s). Assim como as pessoas, os textos também são escritos, elaborados por meio de outros textos, não existindo sozinhos. Nesse sentido, entende-se a intertextualidade tal qual a relação de vários textos presentes em outro(s) texto(s), em que um novo texto é construído a partir de escritos anteriores (Samoyault, 2008).

Pode-se encontrar exemplos claros de práticas intertextuais em *Sementes do sol*. O uso frequente de citações diretas é um exemplo claro dessa prática, como se vê na passagem em que o narrador explica por quais motivos Uyetsuka e técnicos do projeto escolheram implantar a juta na região amazônica, recorrendo ao relatório de Uyetsuka (2011): “Finalmente selecionamos a juta, como sendo um produto que possui todos os fatores supracitados — ele escreveu em seu relatório” (Amaral, 2012, p. 53).

Segundo Samoyault (2008, p. 35), “a citação é a reprodução de um enunciado (texto citado), que se encontra extraído de um texto origem (texto 1) para ser introduzido num texto de acolhida (texto 2)”. Discorrendo acerca da prática intertextual, Eco (1985, p. 10) disse “os livros falam sempre de outros livros e toda história conta uma história já contada”. É o que se percebe em *Sementes do sol* através do trabalho da citação.

Em romances que buscam apresentar com mais clareza fatos reais ou históricos, como o de Ayres do Amaral, alguns elementos dependem de uma decisão do narrador, como, por exemplo, a enumeração de animais. Entretanto, outros aspectos, como a historicidade da juta na Amazônia, baseiam-se no mundo concreto, coincidindo com o mundo possível da narrativa, visto que a história da fibra indiana na região está embebida no real e é desejo do narrador contar sobre tal fato.

Assim, infere-se que um dos propósitos que levou o narrador a adotar o uso de trechos documentais, citações, listas etc. foi o de contar ao leitor, de forma clara e segura, o que ocorreu naquela região, fazendo-o compreender parte da história, costume e cultura amazônica.

Em se tratando da recorrência às citações Samoyault (2008) vale-se das concepções de Compagnon, sobre as quais comenta:

A prática da citação literária pode aparentar-se então com o princípio da colagem pictórica pregada pelo cubismo, depois pelo surrealismo. Introduzindo pedaços ou fragmentos de objetos estranhos à arte, diretamente emprestados do real, trata-se de colar a vida na arte, de fazê-la aparecer sem transformação e de embarçar assim as fronteiras entre a arte, a ficção e a realidade. (2008, p.36)

A explicação para a prática da citação “de colar a vida na arte” (Samoyault, 2008, p. 36) pode ser vista como um outro motivo que levou o narrador a aderir a tal prática, utilizando fragmentos de textos históricos para fundamentar o discurso artístico. Sendo assim, pode-se inferir que o efeito de sentido das citações literárias, documentais e outras práticas intertextuais em *Sementes do sol* é colar/apresentar parte da história da Amazônia e da importância dos nipônicos e da juta na região, por meio de uma obra literária em que o real e o fictício se misturam.

As listas são recorrentes em *Sementes do sol*. O narrador faz uso delas para classificar objetos, animais e listar receitas culinárias típicas da região amazônica. No contexto da juta, por meio da personagem Juvêncio, são elencados alguns dos objetos e/ou ferramentas utilizadas na plantação da Juta, desde o cultivo ao corte da fibra: terçado, plantadeira Tico-Tico, formicida e outros (Amaral, 2012).

Ao elencar os animais presentes na região amazônica, o narrador apresenta sua pluralidade e/ou sua quantidade. Um exemplo relevante se encontra no capítulo 2, intitulado “*Beira de rio*”, no qual o narrador apresenta a variedade de peixes presentes nos lagos após o período de chuva e cheia, tais como o tamuatá, acari, traíras, acara-açu e o pirarucu (Amaral, 2012, p. 16).

Ainda a exemplo das listagens feitas pelo narrador, tem-se no romance as listas de receitas culinárias. Ele as cita e, em seguida, as encaixa na narrativa, desde os ingredientes até o modo de preparo. Alguns dos pratos listados são: surubim a caldo grosso, mixira e desfiado de pirarucu (Amaral, 2012).

Em *A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas* (2022), Maria Esther Maciel, ao discutir sobre o trabalho de catalogação de Arthur Bispo do Rosário, diz que os objetos de Bispo, ao serem elencados,

mesmo que esvaziados do caráter funcional, ao serem subjetivizados pela posse e pela criatividade do artista, passam a dizer muito mais de seu contexto do que quando ocupavam simplesmente o espaço utilitário de suas funções imediatas. Eles adquirem uma linguagem, convertem-se em metonímias do contexto em que foram criados. (Maciel, 2022, p.17)

No romance de Ayres do Amaral, as listas intertextuais, de objetos, animais e receitas culinárias que o narrador encaixa na narrativa, assim como os objetos elencados por Bispo, ganham novos sentidos ao serem inseridos na prosa.

Segundo a concepção de Eco (2010), tais listas podem ser vistas não apenas como listas práticas, em que serviriam para enumerar objetos, elencar ingredientes, classificar as coisas presentes no mundo e/ou decorá-las, mas podem se transformar em listas poéticas.

Quando não se conhecem os confins do que se deseja representar, quando não se conhecem as coisas das quais se fala e se pressupõe então um número, se não infinito, astronomicamente grande; ou ainda quando não se consegue dar uma definição de alguma coisa por essência, portanto, para poder falar dela, para torná-la compreensível, perceptível de alguma maneira, se elencam suas propriedades. (Eco, 2010, p. 15)

A essa outra possibilidade de representação artística, Eco (2010) nomeia de elenco, lista ou catálogo, em que essas taxonomias servem, como citado anteriormente, para representar – ou tentar – as coisas existentes no mundo.

Nesse sentido, quando o narrador de Ayres do Amaral faz uso de enumerações, taxonomias, classificações no romance, pode-se compreender que a vontade dele é demonstrar a infinitude de objetos, animais, ingredientes e receitas culinárias existentes na Amazônia. Por meio das listagens o narrador, na tentativa de enumerar as coisas do mundo, procura dar ao leitor uma numeração que represente a variedade do elemento, visto que não sabe quantos(as) há na região.

Ainda segundo Eco (2010, p. 371), a catalogação das coisas pode levar o leitor a ler listas práticas como poéticas, ocorrendo o inverso também. Para essa troca ocorrer depende apenas da intenção com que o leitor a contempla.

O cardápio de um restaurante é um exemplo de lista prática, visto que sua finalidade é elencar os pratos que o estabelecimento tem a oferecer e os ingredientes que cada prato comporta. Porém, o contrário também pode ocorrer. Em um livro de gastronomia, por exemplo, a enumeração de receitas culinárias pode ocupar a categoria de listas poéticas, pois o inventário gastronômico poderia ser lido para além da identificação dos ingredientes necessários para o preparo do prato. Seria possível imaginar, fantasiar e (re)conhecer a pluralidade e riqueza de uma cozinha exótica.

Nessa perspectiva, o arrolamento de receitas culinárias, em *Sementes do sol*, deixariam de ser simples listas práticas, para se embeberem no poético. Essas catalogações, além de indicar ingredientes e modo de preparo de uma refeição, permitem ao leitor imaginar,

(re)conhecer a variedade da gastronomia amazônica, pluralidade de animais e parte da sua cultura.

Quando o narrador enumera, ele informa ao leitor sobre parte da cultura amazônica, ao mesmo tempo em que pode instigá-lo a imaginar a infinitude gastronômica, animal e de objetos existentes na Amazônia. Além disso, ao inventariar animais, receitas culinárias, objetos pode-se compreender que o narrador de *Sementes do sol* objetivou mantê-las vivas, ecoando a memória dessas coisas por meio do romance,

Jorge Luis Borges, em *Las cosas* (1974), procedeu de modo idêntico, segundo a análise de Maciel (2022, p. 106): “Já Borges, por acreditar na permanência das coisas concretas para além do nosso esquecimento, tratou de inventariá-las, catalogá-las em poemas, como forma de manter viva a memória do mundo”.

### **Considerações finais**

*Sementes do sol* é um romance que agrega elementos históricos que auxiliam nos estudos sobre a Amazônia e sua formação, visto que resgata uma parte da memória da região e da sua gente. A narrativa apresenta como é a vida dos ribeirinhos, expondo o quão é difícil a vivência nas várzeas, principalmente no inverno amazônico, que causa muitas catástrofes, como as enchentes, destacadas no romance pelo narrador.

Além disso, a obra literária apresenta marcas da imigração japonesa na Amazônia, logo, contribui para que se tenha noção da saga nipônica na região. Sendo assim, “ao mesmo tempo em que é um bem urdido romance, é também um documentário histórico da saga dos imigrantes japoneses que, enfrentando adversidades de toda ordem, lograram um ciclo, ainda que efêmero, de prosperidade com a aclimatação da juta originária do Oriente” (Amaral, p. 09, 2012).

Com isso, *Sementes do sol* colabora para que não se esqueça da grande relevância que os nipônicos proporcionaram para a Amazônia e todo o país, fazendo com que o leitor reconheça o valor dos japoneses na região, tanto no campo agrícola, quanto no industrial e comercial.

As citações utilizadas no desenrolar da prosa podem ser entendidas como um suporte para o narrador descrever a história e a cultura amazônicas, visto que são empregadas com o objetivo de apresentar parte da formação social, cultural e econômica da Amazônia, dando ainda notoriedade à importância dos japoneses na região.

As listas, assumindo o papel de poéticas, também podem ser analisadas como suporte para que se entenda sobre a localidade, pois a prática de elencar objetos, animais e principalmente as receitas culinárias, aludiriam à riqueza cultural da Amazônia.

Os seres e objetos listados seriam adornos que espelhariam a prática cultural e singular da Amazônia. Sendo assim, a listagem das coisas, em *Sementes do sol*, além de restituir a vida do passado do ciclo da juta, preserva a memória da cultura amazônica. Logo, "a lista é particularmente adequada ao combate contra o esquecimento" (Sá, 2020, p. 179).

Nesse sentido, *Sementes do sol*, em um misto de ficção e realidade,

descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente. (Bosi, 1996, p. 27)

Logo, Ayres do Amaral (2012) ao incorporar em seu romance a saga nipônica e os costumes culturais amazônicos, não criou apenas um texto fictício, mas elaborou um romance no qual são expostos fatos sobre parte da formação econômica, social e cultural amazonense. Assim, *Sementes do sol* coopera para possíveis estudos acerca da história amazônica e da imigração japonesa para a região, ao mesmo tempo que proporciona o prestígio devido aos japoneses e a Amazônia.

## Referências

- AMARAL, Ademar Ayres. **Sementes do sol**. Belém: Ademar Ayres do Amaral, 2012.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação social e cultural**. 3.ed. Manaus: Valer, 2009. 546 p.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação social e cultural**. Manaus: Valer, 2009.
- BOSI, Alfredo. **Narrativa e resistência**. Araraquara: itinerários, 1996. p. 11-27.
- COMPANGON, Antoine. **O trabalho da citação**. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- ECO, Umberto. **Pós-escrito a O nome da rosa**. Trad. Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ECO, Umberto. **A vertigem das listas**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FARO, Roberto carvalho de. Prefácio. In: AMARAL, Ademar Ayres. **Sementes do sol**. Belém: Ademar Ayres do Amaral, 2012.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (ORG.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 33-58.

MACIEL, Maria Esther. **A memória das coisas**: Ensaios de literatura, cinema e artes plásticas. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2022.

RANGEL, Samuel. **Inferno Verde**. Manaus: Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2001.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **Intertextualidade**. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SÁ, Luiz Fenando Ferreira. **Percursos crítico-teóricos das listas na literatura**. *FronteiraZ*. v. 1, n. 24, p. 166-181.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. Caminhos da agropecuária amazônica como instrumento de desenvolvimento. In: SILVA, Osiris M. Araújo da; HOMMA, Alfredo Kingo Oyama (Org.). **Pan-Amazônia**: visão histórica, perspectivas de integração e crescimento. Manaus: FIEAM, 2015. p. 268-305.

THIÉRIION, Brigitte. Prefácio. In: SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2019.

TSUNODA, Fusako. **Canção da Amazônia**: uma saga na selva. Trad. Jorge Kassuga. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

**Poetic lists in the novel "Sementes do sol/Seeds of the sun" by Ademar Ayres do Amaral.**

**Abstract:** This paper investigates the presence of lists in *Sementes do Sol*, by Ademar Ayres do Amaral. In the novel, whose background is Japanese immigration to the Amazon, culinary recipes appear embedded in the narratives that reference them. The listing of these recipes, objects, books, documentary files, etc. would show something more than a practical list: it would lead to the poetic. What is the reason for the lists of objects, documentary information, literary quotations, and culinary recipes in *Sementes do Sol*? What meaning effect might they show? To answer these questions, this work draws on the studies of Alfredo Bosi (1996), Antoine Compagnon (1996), Arnaldo Franco Junior (2009), Fusako Tsunoda (1988), Maria Esther Maciel (2022), Samuel Benchimol (2009), Tiphaine Samoyault (2008), Umberto Eco (1985) and (2010), among others. The research results show that the novel aggregates historical elements that assist in studies about the Amazon and its formation since it recovers the memory and culture of the region.

**Keywords:** Poetic lists. Amazon. Ademar Ayres do Amaral.

Recebido em 06 de novembro de 2024

Aprovado em 25 de novembro 2024

Publicado em 31 de dezembro de 2024